

A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA RAZÃO EM *MERIDIANO DE SANGUE*, DE CORMAC McCARTHY

Romério Rodrigues Nogueira¹
André Pinheiro²

RESUMO

Considerado um dos autores mais significativos da literatura estadunidense contemporânea, Cormac McCarthy é dono de uma obra que abarca temas significativos da história e da cultura dos Estados Unidos. Adepto de uma escrita realista, o autor transfere para as estruturas da obra literária questões inerentes à realidade social e humana do seu país, como as paisagens típicas e o interesse pela ideologia nacional, que uniu a religião protestante, o pensamento moderno e a atitude guerreira dos antigos povos da Grã-Bretanha. Neste ensaio, serão analisados aspectos estruturais do romance *Meridiano de sangue* que convergem para uma sùmula conceitual do pensamento americano, assinalado tanto pela perspectiva racionalista moderna quanto por elementos de uma tradição mítico-religiosa.

Palavras-chave: McCarthy. *Meridiano de sangue*. Redução estrutural. Secularização.

ABSTRACT

Considered one of the most significant authors of contemporary American literature, Cormac McCarthy has a work that contains significant themes of the United States' history and culture. Adept of a realistic writing, the author transfers to the structures of the literary work questions inherent to the social and human reality of his country, as the typical landscapes and the interest in the national ideology, which united the Protestant religion, the modern thought and the warlike attitude of the ancient people of Great Britain. It will be analyzed in this essay the structural aspects of the novel called *Blood Meridian*. These aspects converge on a conceptual overview of American thought, signled by the modern rationalist perspective and by the elements of a myth-religious tradition.

Keywords: McCarthy. *Bood meridian*. Structural reduction. Secularization.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *Meridiano de sangue*, da autoria do escritor norte-americano Cormac McCarthy, é uma obra assinalada por um denso processo de *redução estrutural*, no sentido de que alguns aspectos da realidade histórica, social e humana dos Estados Unidos adquirem um forte teor de materialidade estética no livro. Nele, a organização dos dados históricos e sociais do

1 E Mestrando concluinte do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

2 Doutor em Literatura comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor orientador e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI.

país (como temas relativos à moralidade, à transformação dos valores e ao atrito entre culturas distintas) se alinham à caracterização dos personagens, à formulação dos discursos e à composição de espaços alimentados por um imaginário partilhado pela tradição cristã e gnóstica.

A obra inicia uma nova fase na produção literária do autor, na qual a melancolia e a questão moral estão mais visíveis. Ela narra a vida de um adolescente que foge de casa e viaja por diversas cidades, envolvendo-se em confusões, até atravessar o México e ser preso. Após ser liberto, esse rapaz – que nunca tem seu nome mencionado – entra para um grupo de caçadores de escalpos e realiza diversas barbaridades, o que não o impede de ser um dos mais piedosos membros do bando. Anos depois de o grupo ser massacrado por alguns indígenas, ele é um dos últimos sobreviventes e acaba sendo morto por um ex-colega do bando no interior de uma latrina. Esse percurso faz uma referência ao próprio processo de amadurecimento e autonomia do homem – tema caro à cultura americana, mas que não esconde a violência inerente àquelas aquisições.

Cormac McCarthy nasceu e vive nos Estados Unidos, sendo reconhecido como um dos grandes escritores da literatura contemporânea de língua inglesa, ao lado de nomes como Thomas Pynchon, Philip Roth e Don DeLillo. Nascido em Rhode Island, nordeste dos Estados Unidos, o autor passou toda sua infância na região do Tennessee, espaço presente em suas primeiras obras. Sua educação ocorreu em escolas católicas, motivo pelo qual ter recebido uma educação tradicional. Formado em *Liberal Arts* pela Universidade do Tennessee, o escritor frequentou a Força Aérea de seu país, chegando a trabalhar como radialista em um posto do Alasca no período da guerra do Vietnã.

Apesar de reconhecido por seus trabalhos iniciais, McCarthy despertou a atenção do público após a publicação dos romances *Sutree* e *Meridiano de sangue*. O sucesso geral e de venda, contudo, ocorrerá apenas com a publicação da *Trilogia da fronteira*, romances situados temporalmente no período do pós-guerra e que tratam da melancolia e maturidade de jovens ligados a um estilo de vida em declínio: o dos *cowboys* e andarilhos americanos. O declínio socioeconômico dessa atividade nos Estados Unidos é o motivo pelo qual os protagonistas encaminham-se para o México, onde a vida de *cowboy* ainda se mantém, razão do título da trilogia.

A obra do autor está direcionada a descrição de temas populares e fatos históricos, com destaque para as produções escritas até *Meridiano de sangue*. Os romances anteriores a ele são ambientados no Tennessee e possuem a influência de escritores sulistas como William Faulkner e Flannery O'Connor, sobretudo na absorção da cultura popular, marcada pela leitura da Bíblia, pela ética puritana e pelo gosto por relatos extraordinários. A narração nesses romances adota uma abordagem bastante realista da paisagem e do quadro social. Esse mesmo modelo também é empregado em *Meridiano de sangue*, que adota a forma do romance histórico para questionar a credibilidade das narrativas de *Western* e para fazer uma crítica revisionista pautada em fontes verídicas (como diários, livros de viagem e de história), que acaba por fortalecer a representação social e ajuda a configurar o comportamento moral do homem norte-americano moderno.

A obra desmitifica a ideologia imperialista dos Estados Unidos e iguala os seres humanos a partir da violência e de suas escolhas, demonstrando que índios e brancos não são diferentes. Esse revisionismo histórico evidencia que a razão utilizada pelos colonos, apesar de diferente, possuía a mesma função que os discursos empregados pelas autoridades medievais ao incitar a violência na época das cruzadas. De certo modo, esse aspecto sugere a presença da secularização do discurso cristão pela ideologia moderna.

Diante do exposto, este ensaio acadêmico busca fazer uma análise das correlações instituídas entre os elementos da composição narrativa de *Meridiano de sangue* e o processo de secularização por ele representado, com o intuito de observar o modo como autor congrega a perspectiva racionalista moderna e os elementos estilísticos pertencentes a uma tradição anterior de natureza mítico-religiosa. Todo esse processo acaba por exaltar a tensão que assinala a cultura de transição dos Estados Unidos no período em que transcorre a narrativa (de 1849 a 1878), criando um panorama cultural que vai do reconhecimento do ideal puritano à defesa dos paradigmas iluministas.

Dentre os diferentes recursos de formalização empregados pelo autor, o processo de *redução estrutural* presente na obra encontra uma melhor exemplificação nos argumentos do juiz Holden, que congrega as duas formas de discurso (o racionalista e o mítico-religioso) a fim de retratar o processo de formação ideológica do Estados Unidos. Com efeito, esse personagem não somente sintetiza o programa da razão instrumental como traz à tona um passado que prepara a atitude violenta e expansiva desse programa - nada menos do que a ética guerreira ativa durante o período que antecederia a formação do homem moderno. É por esse motivo que Holden representa uma abominação para os representantes da visão de mundo cristã, materializados nas figuras do *kid* e do ex-padre Tobin. A conservação de Holden ao término da narrativa é uma clara demonstração de que a razão instrumental sobrepujou à cosmovisão cristã, permitindo que antigas cosmologias, como o gnosticismo, sejam uma alternativa teológica para o fracasso da teodiceia da tradição ocidental.

2. AS FACES DO JUÍZO

Em *Meridiano de sangue*, o narrador não expõe o pensamento das personagens, sendo necessário observar o que falam para melhor entender o seu modo de agir. O problema é que elas quase não dialogam e quando o fazem não explicam as razões por que agem, a exceção da figura do juiz Holden. De todas as personagens do romance, é o juiz que tem as falas mais longas. Quando ele se expressa, seus companheiros param para ouvir. Em alguns momentos o grupo discorda, mas na maioria das vezes permanece quieto e passivos perante ao que Holden profere. No romance, ele é apresentado com uma forma física incomum: um homem branco de mais de dois metros, sem qualquer pelo no corpo e portador de diversas habilidades – como tocar violino, dançar, falar várias línguas e atirar com as duas mãos.

De certo modo, esse perfil exuberante faz com que a personagem adquira tamanha proeminência dentro da narrativa, que ela acaba desempenhando diferentes papéis para o desenvolvimento da trama e para a assimilação do substrato histórico e cultural representado por McCathy. O primeiro desses papéis assumidos pelo Holden é o do cientista, que se interessa por criações e apresenta uma perspectiva demasiado objetiva da realidade.

Diferente dos outros mercenários, Holden não parece estar no grupo apenas por dinheiro. Ao longo da narrativa, ele explora locais e registra objetos, anotando tudo em seu caderno de desenho – uma atitude semelhante à dos naturalistas que percorrem regiões inexploradas. Algo de estranho na conduta do juiz, contudo, há de ser ressaltado: ele não se limita ao simples registro, mas também destrói os objetos após desenhá-los em suas folhas. Essa atitude pode sugerir uma patologia da razão, elemento que a epígrafe retirada da obra de Valéry já parece indicar (“*Your ideas are terrifying and your hearts are faint...*”). Com a perda da hegemonia da visão cristã de mundo, ocorreu uma transformação referente ao papel da vida terrena, que – após a onda de desenvolvimento da modernidade – agora precisa de uma justificativa plausível para sua existência.

Mostrar a terra como um lugar perigoso sugere que Holden ainda comunga com um imaginário de transição entre duas visões de mundo, mas a ênfase dada a investigação empírica é uma demonstração de que, para ele, o conhecimento é uma forma de poder e o único meio de progresso. Contudo, o fato de ele destruir os objetos registrados e utilizar como testemunho apenas aquilo que está em seus cadernos revela um dogmatismo típico da religião, porquanto permita que apenas a representação permaneça, auxiliada pela interpretação, a qual o leva a postura racionalista de submeter o real ao que é documento. Nesse sentido, o comportamento de Holden configura um aspecto da razão instrumental iluminista.

A combinação de ciência e religião em Holden é uma manifestação do cientificismo, uma linha de pensamento que aponta a superioridade da ciência sobre as demais formas de conhecimento da realidade. O mundo foi desencantado através do esclarecimento e passou a ser dominado por meio da técnica. O processo de desencanto, contudo, retirou a busca por uma sentindo da vida, já que afastou a subjetividade que o homem projetava na natureza, realizando uma alienação daquilo que se visava suplantar. É certo que o esclarecimento permitiu avanços práticos na vida diária, melhorando condições de alimentação, organização social e saúde, mas permitiu também a criação de uma “quimera” tão problemática quanto o plano do mito que a ciência buscou ultrapassar. Essa quimera foi o nivelamento das coisas realizado pelo processo de abstração, que fragmentou os objetos e possibilitou um ciclo de reprodução que esvaziasse a relação sujeito-objeto.

O esvaziamento praticado pela racionalidade objetiva foi expandido pelo desenvolvimento da noção de dado, que provocou um imediatismo do pensamento, pulverizando os valores mais importantes que eram debatidos pela filosofia. Em *Meridiano de sangue*, o discurso e o comportamento de Holden é uma síntese da razão instrumental empregada pelo esclarecimento da tradição ocidental. A forma de pensar de Holden projeta uma visão moral perigosa que, antes de Adorno e Horkheimer, foi alvo da análise e da crítica de Nietzsche.

Outro papel estruturante desempenhado pela personagem ao longo da narrativa é o do pensador. Na *Genealogia da moral* (2007), Nietzsche procura refazer o percurso que explica os paradigmas morais do homem moderno. Sua pesquisa revê a afirmação de que a moral é baseada em resultados utilitários e demonstra que os paradigmas estão relacionados à vitória do que ele denomina de “moral dos escravos”. Essa seria composta pelos valores de grupos sociais sem poderes que construíram as suas noções de bom e mau através da inversão das noções anteriores de grupos poderosos, transformando os ideais de nobreza e virtude em algo ruim e refazendo-os através da estrutura da resignação. A medida que as classes menores foram adquirindo maior espaço, sua ideologia se expandiu e se transformou em uma força constitutiva da nova sociedade, fazendo da resignação um parâmetro de ação.

Nietzsche reconhece que a abnegação da força civilizou o homem, mas ele encontra ali um problema relacionado à restrição da vontade. Ao pôr o desejo de realização e poder numa promessa transcendental, o homem se desestabiliza ontologicamente. Isso acontece porque a “vontade de poder” pertence à sua personalidade e a tentativa de restringi-la pode levá-lo a um comportamento ressentido ou niilista – um sentimento que se intensificou com o declínio da metafísica ocidental e está relacionado à humildade necessária para alcançar a grandeza do “além”, uma característica que o filósofo identificou nas pessoas pelo acomodamento em pequenas realizações.

Muitas dessas conclusões de Nietzsche que recordam a Darwin estão presentes na forma de pensar da personagem Holden, a exemplo da explicação dada por ele para a natureza da guerra. O seu discurso é uma defesa ostensiva da luta pela sobrevivência, a ponto de qualificá-la como uma divindade, ainda que ponha em debate o problema da vontade como motor das relações humanas, interrogando o lugar da moral entre um embate de forças e recordando a “moral do senhores” apresentada por Nietzsche como aquela que se impõe por sua força ativa. A citação continua em uma discussão sobre a força e a justiça.

A filosofia de Holden recorre à reflexão sobre a moral para mobilizar a crença na ciência da época e é exatamente nesse ponto que a sua admiração pela guerra ganha sentido. No bando de Glanton, do qual o juiz é mentor intelectual, são comuns opiniões racistas, associando a palavra “negroide” à índios, mexicanos e afrodescendentes – um termo pejorativo que faz referência à supremacia branca nos Estados Unidos. Uma opinião compartilhada pelos representantes da religião, como o ex-padre Tobin, que é posto na conversa realizada por Holden para mostrar a ética do grupo, uma redução da sociedade americana movida por seu ideal de expansão.

Ao contrário do que propõe Nietzsche quando critica a religião, a ideologia anglo-americana unificou a virtude guerreira à vontade divina, não diminuindo o desejo de ser grande. Desde a independência o país já esteve envolvidos em 70 conflitos, muitos deles internacionais, conforme aponta o historiador Howard Zinn (1994) em seu célebre livro, *A people's history of the United States*. O silêncio da personagem Tobin mostra a transformação da visão cristã em adesão às ações bélicas do estado americano, sempre guiada por pretensos ideais de liberdade e democracia, os quais Holden faz questão de encobrir sob a imagem do destino, razão pela qual vê a guerra como uma forma de elevação humana ao status divino.

Por fim, a configuração demoníaca é outro aspecto importante no que se refere à figuração do Holden no transcorrer da narrativa – prisma temático e estrutural que será discutido em pormenores no tópico a seguir.

3. SOB A FACE DEMONÍACA

Das dimensões da *redução estrutural* operadas no romance de McCathy, uma das mais significativas é a representação do juiz como um ser diabólico. Ele é um sujeito elegante, perspicaz, forte e muito habilidoso com os trabalhos manuais. Essas qualidades em si não esclarecem muito, mas quando o seu primeiro encontro do bando é relatado, elas ganham um sentido mais proeminente. A história é contada ao *kid* pelo ex-padre Tobin e trata da fuga do bando quando ele já se encontrava sem munição. A narrativa cria um espécie de reprodução do imaginário sobre o diabo e sobre o pacto demoníaco, em torno do qual está o juiz, que parece salvar o bando em troca da adesão destes à sua ideologia. Tobin inicia seu relato tratando das proezas do juiz:

O ex-padre abanou a cabeça. Olhou através do fogo para o juiz. Aquela criatura enorme e sem um fio. De olhar pra ele você não diz que dança melhor que o diabo em pessoa, diz? [...]. E toca violino. É o maior violinista que já ouvi na vida e não se fala mais nisso. O maior. Sabe abrir uma picada no mato, atirar com o rifle, montar a cavalo, rastrear um veado. Já conheceu o mundo todo. Ele e o governador sentaram até a hora do café e foi Paris isso e Londres aquilo em cinco línguas, você pagava pra ouvir. O governador é um homem instruído, como não, mas o juiz... (McCARTHY, 2009, p. 132)

Logo no princípio da descrição, o juiz é associado a uma imagem popularizada pelo Romantismo: a de que o diabo está relacionado à música. Segundo Jeffrey Russell (1986), a correspondência pode estar associada tanto ao emprego da desarmonia por compositores românticos com o intuito de expressar as variações das experiências emocionais, quanto à presença do diabo na literatura que inspirava os músicos da época, tendo como ponto alto o *Fausto*, de Goethe (no qual o diabo é associado à razão), e a obra de Milton (na qual o diabo é humanizado enquanto herói). A matriz a que o Holden está ligado, portanto, é a mesma que produziu Mefistófeles – uma tradição que tem o diabo como símbolo de liberdade, rebelião, autoestima, ambiguidade e grandeza, como afirma Carlos Roberto Nogueira em *O diabo no imaginário cristão*:

O Romantismo transformará Satã no símbolo do espírito livre, da vida alegre, não contra uma lei moral, mas segundo uma lei natural, contrária à aversão por este mundo pregada pela Igreja. Satanás significa liberdade, progresso, ciência, vida. Tornar-se-á moda a identificação com o Demônio, assim como procurar refletir no semblante o olhar, o riso, a zombaria impressos nas feições tradicionais do Diabo. [...] A visão do demoníaco como o problema do mal, une-se ao problema do conhecimento e a vontade de dominar as forças da natureza. (NOGUEIRA, 2002, p. 104-105)

A recordação do relato feito por Tobin está assinalada por uma formação religiosa, enquadrando Holden na tradição teológica, que, segundo Jérômê Baschet (2006), pensava os demônios como seres de grande potência intelectual e capazes de se deslocar facilmente. O juízo de valor do ex-padre fica ainda mais evidente quando se observa a escolha dos termos desqualificativos empregados para caracterizar o juiz (como “tinhoso” e “alma de fuligem”). Mas o ponto alto do seu argumento é a descrição do encontro com o juiz:

Então mais ou menos no meridiano daquele dia topamos com o juiz sentado na sua pedra naquela vastidão, sozinho da silva. Sim senhor, e que pedras que nada, aquela era a única. [...] E lá estava [...], sorrindo quando a gente chegou perto. Como se estivesse à espera. [...] Era como se... Não dava pra imaginar de onde tinha saído. [...] Davy queria era deixar ele ali mesmo. Não foi com a cara da vossa excelência e não vai até hoje. Glanton só examinava o outro. [...] Era trabalho do cão tentar quando muito adivinhar o que estava pensando daquela figura ali naquele lugar. Quanto a mim não sei até hoje. Eles têm uma ligação secreta. Alguma aliança maligna. (McCARTHY, 2009, p. 134)

O momento em que o grupo avista o juiz é ao meio-dia, no “meridiano”. Na cultura popular, os horários apropriados para se encontrar o demônio são as “horas abertas”, (meio-dia, meia-noite, crepúsculo etc.), ocasiões que são satisfatórias para realização de pactos. Segundo Jeffrey Russell (1995), elas representam uma crença medieval de que os demônios viviam no submundo ou no ar e podiam escapar durante a divisão feita pelos astros, informação que ajuda a compreender porque os pactos podem ser feitos em encruzilhadas, que são pontos de divisão entre linhas. A crença sobre o meridiano está presente no Salmo 91:5-6 e, segundo Câmara Cascudo (2002), também na concepção de que Jesus teria morrido ao meio-dia e que seria esse o horário em que Adão pecou.

A sugestão do pacto é produzida pelas expressões “ligação secreta” e “aliança maligna”, (no original *secret commerce* e *terrible covenant*), no qual as duas últimas palavras de cada expressão adquirem conotações comerciais. A primeira delas pode significar negócio e a segunda contrato, um remissão, de início, antissemita, que associava o sucesso financeiro dos judeus à negação do cristianismo e à realização de pacto diabólicos. Segundo Jeffrey Russell (1995), contudo, o pacto só poderia ser realizado se quem o pretendesse estivesse de fato disposto a entregar a alma, caso contrário o demônio não apareceria. A situação do bando quando encontra o juiz parece bem favorável a essa especulação.

Continuando suas conotações religiosas, Tobin menciona que “Dois homens tinham desertado no meio da noite e com isso eram doze de nós e com o juiz treze” (idem, p. 136). A princípio, o número treze poderia indicar uma conjunção funesta, mas a frase possibilita outra relação, como a de Cristo e os doze apóstolos, o que explicaria o motivo de Tobin ter empregado a expressão “discípulos de um novo credo” em determinada passagem do relato, parodiando o evangelho, que junto com o pacto complementam o sentido do discurso semi-religioso do juiz. Os motivos que sugerem que o Holden é um ser sobrenatural se repetem.

O ex-padre segue sua história descrevendo o terreno vulcânico para o qual o juiz conduz o bando na intenção de concluir a fabricação da pólvora. Para Tobin, os vulcões cospem o fogo

do interior da terra na qual fica o inferno. Segundo Jeffrey Russell (1995), para os germânicos, a ideia de que o inferno ficava no interior da terra permanece associada à deusa Hel, termo que dá origem a *hell*, vocábulo em inglês para inferno, que é etimologicamente relacionado à buracos (*holes*) e cavernas, do germânico *Hölle*, *Hohle*. O que Tobin expressa é um imaginário pagão e cristão compactado pela teologia medieval.

Levados ao topo do vulcão, o ex-padre conta que o juiz ri do estado do bando enquanto os homens mijam na mistura dos ingredientes coletados e purificados com bases nas anotações do Holden: enxofre retirado das bordas caldeira do vulcão, salitre feito do guano de morcegos e carvão de amieiro moído. As associações bíblicas se enriquecem quando o juiz é comparado a um “um maldito padeiro negro [...], “rindo o tempo todo e sovando a massa enorme em uma pasta negra asquerosa, o pão do demônio pelo cheiro fétido daquilo” (idem, p. 141).

A cena remete à passagem evangélica na qual Jesus é denominado o pão da vida, parodiada aqui como um pão da morte, já que tem como resultado a pólvora. Essa associação intensifica a relação entre o número de homens no bando e o de apóstolos, que recebe outro acréscimo quando Tobin conta que o juiz distribuía a pólvora para os homens de “um por um, passando num círculo por ele como numa comunhão” (idem, p.140).

É importante observar a relação criada pelo padre, pois a pólvora distribuída ao grupo é um paralelo do pão na cena da última ceia. Percebe-se que, se o pão representa o corpo de cristo, a pólvora representa o corpo da guerra. A distribuição da pólvora realizada por Holden indica que esse elemento serve de amálgama à nação americana representada pelo bando. O paralelo deve ser destacado porque a Eucaristia é um dos principais sacramentos do Cristianismo. Mais do que isso, segundo Mircea Eliade, ela “recorda os ágapes cultuais praticados na Antiguidade mediterrâneas, especialmente as religiões dos mistérios”, que tinham como objetivo “a salvação dos participantes, em virtude da comunhão com uma divindade” (ELIADE, 1999a, p. 401). No romance, a guerra encarna essa divindade, tendo Holden como mensageiro, e a cena da distribuição da pólvora como uma *Imitatio Christi* invertida. O relato do padre demonstra ser uma versão anômala de crenças medievais com elementos do evangelho.

Outros aspectos reforçam as descrições do padre, como o próprio nome do juiz: Holden. A palavra vem do inglês médio e é a forma anterior de *hold*. O termo era usado no sentido de agarrar, prender, controlar³ e sonoramente não é tão distante de *hole*⁴ (buraco), que está ligado à *hell*. Poderíamos dizer que um buraco também pode prender, permitindo construir uma associação semântica que indica a condição sobrenatural do juiz. O nome do juiz também pode estar relacionado a *Odin* ou *Wotan*⁵, deus da guerra e da morte para os germanos. A proximidade sonora dos nomes pode ajudar a entender a importância da guerra para Holden, que a trata com um caráter de ritual, uma experiência religiosa que integra o bando a um corpo místico, espelhado na distribuição da pólvora descrita por Tobin.

3 Para etimologia dos termos em inglês, consultou-se a obra *Origins: a short etymological dictionary of modern english*, de Eric Partridge.

4 Foneticamente Holden [ˈhoʊldən] e *hole* [hoʊl] se assemelham.

5 Foneticamente a pronúncia de Holden [ˈhoʊldən] e Odin [ˈoʊdən] possuem proximidade significativa, até mesmo na tonicidade. Essa semelhança ocorre no inglês americano, que é justamente a língua do autor do romance. Deve-se destacar que o significado do nome Odin é tempestuoso, feroz, violento.

De acordo com Eliade (1999a), o nome desse deus significa furor e faz referência a conduta dos jovens guerreiros, que eram tomados por acessos de fúria. Deve-se ressaltar que Odin era um deus ambíguo que tanto preservava quanto tornava vulnerável seus maiores protegidos, tornando mais claro certas omissões de Holden para com o bando. Odin era também o deus da sabedoria e das ciências ocultas, uma qualidade que pode ser vista no juiz ao fazer pólvora sem ter de onde extrair muitas informações.

Ao lado disso, temos um reforço constituído a partir de um dos termos que encabeçam o capítulo X: *katabasis*. Segundo R. M. Rosado Fernandes (1993), a palavra de origem grega pode tanto se referir a um exercício militar de retirada quanto à ação mitológica de descer ao submundo. O primeiro termo foi usado por Xenofonte para tratar dos “dez mil”, soldados contratados por Ciro, mas somente o segundo sentindo tornou-se consagrado, alcançado status através da literatura em cenas representadas por Odisseu, Hércules, Orfeu, Eneias, Menipo, Dante etc. Conforme Eliade (1999a) a *katabasis* ocorre em várias culturas. No ocidente, se consagrou aquela em que heróis descem ao submundo numa morte simbólica, buscando uma divindade e realizando uma tarefa em troca de um benefício importante. Acrescente-se que Odin era o deus das iniciações, nas quais está presente a imagem da *katabasis*. Até o batismo cristão é uma forma de iniciação, com sua imersão nas águas, retomando a imagem da morte momentânea. O uso das imagens do evangelho por Tobin toca num ponto sensível, direcionado ao tema da iniciação.

Essas remissões construídas por McCarthy se desenvolvem pela ambiguidade, algo essencial para que o juiz sintetize dimensões diferentes da cultura americana. A demonização de Holden por Tobin é uma reação da visão cristã de mundo, que vê na ascensão racionalista um perigo à sua posição já em declínio. Uma razão evidente para isso é a opinião emitida pelo juiz de que a guerra seria uma forma de elevar o homem à condição divina, já que a luta pela sobrevivência e a seleção do que persiste é a forma real do destino.

Tobin vê no argumento de Holden uma negação dos princípios cristãos desenvolvidos nos evangelhos, princípios estes que se transformaram em normas sociais, como a solidariedade com os mais necessitados – um critério elementar para recuperação social e espiritual do indivíduo. Holden descarta totalmente esse critério ao defender suas posições épicas evolucionistas.

Holden argumenta em favor da estruturação do sacrifício como um fator fundante da ordem, por isso a guerra (que assume um caráter seletivo) é tão importante dentro desse contexto. O discurso de Holden segue uma corrente contrária à visão cristã, que tem o sacrifício de Cristo como um desmascaramento da violência contínua, que seria incapaz de resolver as tensões sociais. Segundo René Girard, em *Evolução e conversão* (2011), o abandono do sacrifício é um aprimoramento da ordem cultural, que afasta a circularidade da violência, a qual recorda o estado animal. Por si, o sacrifício já seria um avanço cultural de socialização, por centralizar a violência em um bode expiatório, contudo, permaneceu insatisfatório ao dar continuidade à agressividade. Ao defender o desejo e a força, Holden se apropria do sacrifício como um recurso necessário a construção de uma sociedade mais apta.

Entretanto não é apenas o ex-padre que faz de Holden uma figura sobrenatural. Também o narrador desenvolve conotações que assinalam a natureza insólita do juiz. O narrador afirma que ele tem “suínos olhinhos sem cílios” (idem, p. 324), que seu “rosto era sereno e estranhamente infantil” (idem, p. 12), que mesmo vários anos após o fim do bando, quando o *kid* já com 48 anos encontra Holden em um bar, sentado “no meio [de uma] chusma variegada [...] e parecia pouco ou nada mudado em todos aqueles anos” (idem, p. 340).

Essas informações recordam o imaginário medieval sobre o diabo. A associação entre o porco e o demônio tem mais de uma fonte. A mais evidente é a cena evangélica em que Cristo expulsa os demônios de um gadareno e os lança em uma manada de porcos. A outra deriva dos hábitos alimentares da cultura judaica, que considera o porco um animal impuro pela imundície, luxúria, gula, teimosia e voracidade. Holden é comparado a um porco por conta da semelhança entre seus olhos e por não ter pelos, uma característica do porco doméstico. O personagem também tem a pele rosada pelo sol, já que é muito branco, lembrando de fato um porco, além de possuir uma luxúria incomum por crianças, conspurcando-as com seu “espírito de porco”.

Um outro aspecto a ser observado é o fato de não ser possível detectar textualmente a especificidade jurídica relacionada ao Holden. O *kid* aborda a questão após o relato de Tobin, porém, obtém como resposta a sentença que o “homem tem orelha de raposa”, um outro animal que, por sua astúcia, é associado ao diabo. A raposa encarna o papel de *trickster*, que, segundo Lévi-Strauss (2004), é um tipo de divindade relacionada ao demiurgo que, geralmente, manipula os homens fingido ser o criador e doador da cultura. É importante observar que Holden mais levanta dúvidas e acusações do que julga opiniões diversas em debate. Seguindo as observações de Jeffrey Russell (1995), pode-se associar a figura do juiz à representação do diabo em pleitos judiciais das composições literárias do teatro medieval. Nelas, o diabo faz o papel de promotor, acusando as almas pecadoras, dando sequência a tradição do livro de Jó, no qual Satã significa “acusador”, “opositor”. O termo passa para o grego como diabolôs, “aquele que separa”, contrário de símbolo, que seria aquilo “que reúne”. As representações medievais apresentavam assim um julgamento da raça humana, o que Holden tenta desenvolver de forma secularizada. A vontade e o desejo humano são elementos que os cristãos condenam como pecado, mas a que o juiz demonstra ser favorável.

Além disso, como o diabo, Holden tem adoração por destruir aquilo que é inocente, como crianças ou animais. Exemplos disso podem ser observados nas cenas nas quais ele assassina crianças sem motivo algum e, em outro momento, quando compra dois filhotes de cachorro apenas para lançá-los nas águas e ver alguns homens do bando fazendo mira para matar os animais. Como o diabo, Holden é um mentiroso, declarado logo ao início do romance. E mesmo que use argumentos racionalistas como justificativa para estar “além do bem e do mal”, ele segue se contradizendo.

Outro elemento que aproxima Holden do demônio é o riso, uma associação realizada pela tradição cristã. Segundo Georges Minois (2003), um deus perfeito não teria porque rir e, por viver em um paraíso, sua criação também não encontraria razões semelhantes. O riso é uma forma de satisfação que ocorre quando há carência, mas a criação só a conhece após a queda,

a qual é intermediada pelo demônio. O riso então se associa à decadência e adquire um teor de compensação que ajuda a suportar a angústia do estado mundano. Isso faz do cristianismo uma religião que exige seriedade dos seus fiéis, razão pela qual rir em uma igreja constitui uma ofensa.

Na Bíblia, o primeiro riso surge somente após muitas desgraças. Acontece depois da aliança estabelecida entre Deus e Abraão, o fundador da nação hebraica. A razão do riso é supor que um casal de velhos poderiam ter filhos, motivo que leva Sara a ser repreendida e o seu rebento receber o nome de Isaac, que significa “ele rirá”. Contudo, a repreensão contra o riso é mais grave no novo testamento, do qual partirá a estória de que Jesus nunca sorriu, por ser ele constantemente escarnecido pelos descrentes, o que fará do riso um sinal dos ímpios e sacrílegos e futuramente dos demônios⁶.

Em *Meridiano de sangue* o riso não é uma atitude tão frequente, mas os registros de rir ou sorrir por parte do juiz chegam a 39 entradas, isto é, ele é a personagem que mais expressa a sensação de escárnio, rindo ou sorrindo enquanto percebe a superioridade de seu argumento ou ação, provocando dúvidas no grupo. Outros membros também riem, mas o ex-padre não faz isso nenhuma vez. A ligação entre o riso, o demoníaco e as concepções de Tobin seguem uma tendência apontada por Georges Minois (2003). Segundo ele, os primeiros pais da Igreja intensificaram a perseguição contra o riso e o ligaram ao prazer carnal, visto que uma das ações do demônio é provocar o riso, a zombaria e a calúnia. Esta última é uma das primeiras ações do juiz no romance. Ele provoca o riso nos agressores de um reverendo após declarar que nunca tinha visto o homem que acusou falsamente.

Os motivos que apontam Holden como diabólico são diversos. Uma das últimas remissões antes dele assassinar o protagonista são diálogos em que fica evidente a relação entre a violência e o sagrado. Em determinado momento, o *kid* chega a negar esse vínculo, numa sutil recordação da tentação de Cristo. Depois do bando ser massacrado e alguns escaparem para o deserto, o *kid* consegue três oportunidades de matar o juiz, mas desiste disso, sendo acusado de ter “um lugar com defeito no tecido do [...] coração”. Após esse fato, ele encontra o juiz e ouve dele esta acusação:

Você se ofereceu [...] para tomar parte numa obra. Mas serviu de testemunha contra si mesmo. Levou a julgamento seus próprios atos. Pôs as próprias suposições na frente dos julgamentos da história e rompeu com o corpo com o qual se comprometera a tomar parte e envenenou esse corpo em toda sua empresa. Escuta aqui, homem. *Lá no deserto foi a você*

6 Essa apresentação expõe uma visão tradicional sobre o riso, diversa da demonstrada por Mikhail Bakhtin (1993) em *A cultura popular na Idade média e no Renascimento*, no qual interpretou o riso da Idade Média como uma forma de expressão da cultura popular. Segundo Bakhtin, o riso seria capaz de desestabilizar a hierarquia dos valores canônicos, promovendo assim uma versão particular do sistema oficial de uma comunidade. Próximo da visão de Bakhtin, mas não centrada no medieval, Henri Bergson (2007), em *O riso*, sugeriu que o rir seria um ato propriamente humano, a qual caberia uma função social visível no princípio cômico da instabilidade dos atos mecânicos e emocionais. O riso surgiria da insensibilidade diante do rompimento de atos habituais ou mecânicos, sendo assim um ato intelectual de distanciamento que permite ao homem pensar em sua condição social e existencial, ponto que se aproxima de Bakhtin. Em *Meridiano de sangue*, o riso de Holden é mais uma exposição das presas, numa referência à voracidade da sua figura assemelhada ao diabo, algo diverso do que poderia ser explorado seguindo teses sobre o riso e o cômico, como as de Bakhtin ou de Bergson.

que falei, a você e a mais ninguém, e você me fez ouvidos moucos. Se a guerra não é sagrada o homem nada é além de barro burlesco. (McCARTHY, 2009, p. 321) [grifo nosso]

O juiz sustenta que o protagonista rejeitou os preceitos da violência e indica isso associando o bando à imagem de igreja, o “corpo” do qual Holden parece ser a cabeça, um Cristo às avessas. Sua paródia inclui tratar o mito da criatura pelo escárnio, fazendo do homem um bufão que muda de condição quando deixa de reconhecer a violência como crime e passa a percebê-la enquanto sagrado. Ao sacralizar a guerra (o que inclui o assassinato), Holden faz com que as mortes realizadas pelo bando transformem-se, ao invés de atos de barbárie, em sacrifícios que aglutinam os mercenários em um grupo social, racionalizando a violência em um sistema de organização.

Holden parece ter também uma visão circular da história, a que de algum modo pode se conciliar a visão darwinista da luta pela sobrevivência. A visão circular da história é comum em muitas culturas pagãs. Para elas, os rituais e os sacrifícios são formas de reinaugurar o tempo e catalisar as tensões da comunidade. O juiz defende um modelo de vida que se alcança através do sacrifício e, então, o vazio se preenche no lugar da incompletude do desejo. Um vazio simbolizado pelos deuses em suas criptas, negados, ao se negar a guerra e a virtude de exercê-la, a transcendência através da violência.

Deve-se destacar que, os três aspectos aqui analisados (o cientista, o pensador e o demônio) constituem a ancoragem para os dados históricos reduzidos através da personagem Holden, que é a figura mais complexa da narrativa, de modo que nenhuma outra possui a profundidade a ela atribuída. O processo de *redução estrutural* operado por Cormac McCarthy em *Meridiano de sangue* abrange um importante fenômeno histórico dos Estados Unidos: a instrumentalização da razão, que aparece materializada na figura de um personagem que gere a visão arcaica do sacrifício com vista a promover a defesa da violência e da guerra. A título de exemplo, basta mencionar que na obra de Howard Zinn (1994) sobre a história do país, a palavra guerra aparece mais de setecentas vezes, demonstrando a importância do conflito para as diretrizes ideológicas da nação americana.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérômê. Diabo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Global, 2002.

ELIADE, Mircea. *Historia de las creencias y las ideas religiosas*: de Gautama Buda al triunfo del cristianismo. Volume II. Barcelona: Paidós, 1999a.

_____. *Historia de las creencias y las ideas religiosas: de Mahoma a la era de las Reformas. Volume III.* Barcelona: Paidós, 1999b.

GIRARD, René. *Evolução e conversão: diálogos sobre a origem da cultura.* São Paulo: É realizações, 2011.

McCARTHY, Cormac. *Meridiano de sangue, ou rubor crepuscular no oeste.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio.* São Paulo: Unesp, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral.* São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. *A gaia ciência.* São Paulo: Companhia das letras, 2012.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. *O diabo no imaginário cristão.* 2 ed. São Paulo: Edusc, 2002.

ROSADO FERNANDES, R. M. *Catábase ou descida aos infernos.* Revista Humanitas, Coimbra, Vol. 45, p. 347-359, 1993.

RUSSELL, Jeffrey Burton. *Lucifer: El diablo em la Edad Media.* Barcelona: Laertes, 1995.

_____. *Mephistopheles: The devil in the modern world.* Ithaca: Cornell University Press.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações.* Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

ZINN, Howard. *A People's History of the United States.* Essex: Longman, 1994.